

Tendências ideológicas do Conservadorismo de Jamerson Souza: Caminhos históricos para uma crítica contemporânea

Ideological tendencies of Jamerson Souza's Conservatism: Historical paths to contemporary criticism

Amanda Costa* 

RESUMO

A presente resenha tem por finalidade a apreensão do debate do conservadorismo como ideologia e seus rebatimentos tanto nos aspectos políticos e econômicos quanto nos processos da formação de subjetividades mediadas por sistemas de crenças e valores morais e éticos. Um apanhado histórico e ontológico nos possibilita entender os caminhos que o autor utiliza na sua abordagem, situando a gênese e nascedouro do conservadorismo e os seus impactos na contemporaneidade.

Palavras-chave: conservadorismo; ideologia; luta de classes.

ABSTRACT

The purpose of this review is to understand the debate on conservatism as an ideology and its repercussions both in political and economic aspects and in the formation of subjectivities mediated by belief systems and moral and ethical values. A historical and ontological overview allows us to understand the paths that the author uses in his approach, situating the genesis and birth of conservatism and its impacts on contemporary times.

Keywords: conservatism; ideology; class struggle.

Resenha do livro *Tendências ideológicas do Conservadorismo*, de Jamerson Souza.

Pensar as relações sociais hoje, está em considerar as dinâmicas ideopolíticas em disputa, seja nos ambientes acadêmicos e científicos, seja no espaço virtual, das telas. Em tempos de *fake news*, da era

RESENHA

<https://doi.org/10.12957/rep.2025.94200>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: santos.amandacosta@gmail.com.

COMO CITAR: COSTA, A. Tendências ideológicas do Conservadorismo de Jamerson Souza: Caminhos históricos para uma crítica contemporânea. Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 23, n. 60, pp. 235-240, set./dez., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2025.94200>

Recebido em 19 de fevereiro de 2025.

Aprovado para publicação em 03 de junho de 2025.



© 2025 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

das *pós-verdades* e dos discursos de ódio que adentraram o debate público, quais seriam as tendências ideológicas por trás das narrativas tão amplamente difundidas ultimamente? É o que vai tentar responder Jamerson Souza em sua obra *Tendências ideológicas do Conservadorismo*, que nos apresenta de forma elementar através de um método crítico e dialético, que apreender as contradições da condição material da vida, requer apreender não só as manifestações da esfera da economia, mas também evidenciar os efeitos nas esferas das ideias, dos valores e do conhecimento de uma forma geral, que conduzem a visão dos fatos.

Jamerson Souza é bacharel em Serviço Social, Mestre e Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco e Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. Seu livro, aqui mencionado e modestamente reduzido a uma resenha, foi fruto de sua tese de doutorado, tão necessária e urgente ao atual cenário político brasileiro e mundial. Logo no início da apresentação de sua obra, o autor nos aponta que dias depois da defesa de sua tese, em 2016, ocorre a destituição da Presidente Dilma Rousseff, ou melhor dizendo, o conhecido Golpe de Estado de 2016. Esse fato, como bem se sabe, marca um período sombrio em que o conservadorismo adentra enquanto uma moral permanente, o que poderia situar cronologicamente a ascensão de uma expressão do neoconservadorismo brasileiro: o bolsonarismo.

O conservadorismo, ou melhor, “os conservadorismos”, como bem nos situa Souza, é elucidado na sua obra de uma maneira vasta e plural, pois ao se aprofundar neste tema, Souza percorre a uma diversidade de ideólogos e vertentes que nos mostra a capacidade que esse espectro político tem de se renovar e se reconfigurar. O autor descortina essa perspectiva tanto como um fenômeno que se adensa quanto como através das condições históricas que nos estrutura.

Na sua obra, com importantes observações sobre o amplo aspecto que opera o conservadorismo, seu diferencial está em abordar o tema a partir de um método que baliza o lastro econômico de onde as relações sociais fincam suas raízes, uma visão ontológica do ser social. Isto é, Souza não está amparado na sua análise de uma perspectiva pouco objetiva em termos de materialismo, ele vai além, e ancorado em pilares teóricos e políticos dos escritos de Georg Lukács na sua fase madura, contribui ao dilema de pensar o conservadorismo não apenas como elemento gnosiológico *per se*, mas também enquanto elemento ontológico fundamental, refletindo o conservadorismo para justificar e conservar as velhas relações de poder inseridos no desenvolvimento histórico das classes sociais.

Tendo delimitado a tentativa de recuperar os fundamentos ontológicos da reprodução social e da ideologia, demonstra-se que a vinculação dessas categorias com o trabalho e a luta de classes, advém de uma base material em que a existência do ser social condensa relações de produção e reprodução social. Souza consegue ser preciso e objetivo ao nos mostrar que “a reprodução da sociedade é um processo aberto à alternativa, isto é, à es-

colha entre a conservação ou a transformação radical das relações sociais de produção em vigência” (2024, p. 67). Ou seja, aqui a visão ontológica cumpre o papel de desmistificar a naturalização desse modelo social e suas contradições, mostrando o quanto o conservadorismo cria justificativas biopsicologizantes para assegurar a manutenção da “ordem natural das coisas”. O autor nos indica que “com o apoio da ontologia do ser social, é razoável contrapor a essa ideia de uma natureza humana, supostamente propensa a conservar o existente, a concretude da luta de classes, onde se inclui a formação das ideologias, como eixo das transformações históricas” (2024, p. 63).

Dessa maneira, Souza resgata e relembra que o trabalho, sendo a categoria fundante do ser social, tem a capacidade exclusiva de realizar a mediação primária da humanidade com a natureza. Porém, como se sabe, essa qualidade do trabalho é obscurecida pelo conservadorismo, que abstrai o trabalho e entroniza as instituições como fonte e raiz da sociabilidade” (2024, p. 68). Sendo assim, o autor nos adverte: o trabalho funda as formas de consciência. Com essa constatação, podendo adentrar ao debate de ideologia enquanto uma categoria que elucubra as formas de consciências, o autor considera que sendo ela caracterizada por criar relações entre sujeito e objeto, pode ser considerada uma posição teleológica secundária, ou seja, o trabalho sendo posição ontológica primária, como já mencionado, coloca que a ideologia na sociedade de classes não pode exercer uma posição abstrata ou desconectada do real, segundo mesmo nos informa Lukács (2013, p. 498) ela irá cumprir um papel: a de exercer funções sociais bem determinadas. “O filósofo húngaro deixa claro, (...) que o processo ideológico, na condição de mediação privilegiada para a resolução de conflitos objetivos, pode assumir a forma de defesa do padrão de desenvolvimento social estabelecido” (2024, p. 103).

Na tentativa de realizar um resgate teórico das bases que fincam a gênese do conservadorismo, Souza encara e adentra escritos de Edmund Burke, fazendo assim uma aproximação do conservadorismo clássico com o contemporâneo para tentar articular o que fora absorvido e revisto, mas que estabeleceu ainda sim na cultura desse modo de agir e pensar, tendências políticas atuais. Edmund Burke, sendo um dos principais expoentes do conservadorismo clássico, faz da sua análise um manifesto em defesa da classe social que fora dilacerada: a aristocracia feudal. Visto que ao criticar os valores, princípios e ideais que direcionaram a Revolução Francesa ao superar essa aristocracia feudal, Burke critica o Iluminismo e tudo o que viera dele, sendo assim que “as concepções de igualdade, direitos do homem, razão, antropocentrismo, liberdade individual, soberania popular, são identificadas como ideias perigosas à ordem estabelecida, corrosivas de toda herança cultural e patrimonial das tradições europeias” (2024, p. 134-135), mostrando bases de seu pensamento num irracionalismo que nega a razão moderna a um idealismo desconectado da realidade material.

Está mais do que claro com o exposto até o presente momento, que a formação do conservadorismo clássico estando num cenário onde a organização social sofria irreversí-

veis mudanças, traz como estratégia a consolidação de um estilo de pensamento que precisava enfatizar uma recusa ao novo, estabelecendo assim uma forma de tentar manter o que seria a “tradição” de uma sociabilidade ancorada no “divino e sagrado”, isto é, modos de agir e pensar típicos de uma visão de mundo medieval. Sintetizamos que o conservadorismo burkeano foi uma frente contra as transformações societárias em curso na época e, que do processo profundo de abolir o antigo regime, funda-se a sociedade moderno burguesa.

Porém, na realidade brasileira, existem particularidades no que tange sua formação social. O autor nos informa que o “conservadorismo à brasileira” carrega particularidades como bem citado e esmiuçado em sua obra a partir de autores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni etc. Acontece que

No Brasil, o conservadorismo não emerge a partir de uma classe social de herança secular, golpeada por uma revolução que institui outro ordenamento social, político, jurídico e econômico, que represente sua ruína econômica e política (sem embargo de processos contraditórios, pois parcela da aristocracia, na Revolução Francesa, logrou sobreviver aderindo de formas variadas ao novo padrão burguês de sociabilidade e acumulação do capital) (2024, p. 246).

Isto é, em nome de um desenvolvimento desigual e combinado “o ‘conservadorismo à brasileira’ surge com condições históricas de profunda desigualdade social, nas quais as tarefas das classes dominantes não são as da restauração de um passado longínquo, mas a manutenção e ampliação das condições que permitem seu domínio e hegemonia de classe sobre os trabalhadores.” (Souza, 2024, p. 247).

Tendo se instituído essa nova sociabilidade, a complexificação da sociedade torna que, ao consolidar formas mercantis de economia e centralizar esse modo de produção a todos os outros âmbitos da vida social, uma racionalidade, uma moral e uma ciência é inevitavelmente necessária para a legitimação dessas mudanças do papel do Estado e dos cidadãos. É possível que esse pensamento racional emergente produza conhecimento para intervir na realidade, entendendo que o Estado passa a ter que considerar trabalhar as refrações da “questão social”. Necessita-se que essa intervenção leve em conta que a resolução desse conflito seja administrada pela preocupação em estabelecer hierarquias sociais sem alterações na sua forma. Por isso também a necessidade de uma ciência que explique o social a partir de uma perspectiva que conserve a estrutura vigente: a sociologia, a filosofia e tantas outras disciplinas das ciências sociais estabelecem uma mediação estrutural-positivista ao interpretar a sociedade. Mas o autor nos adverte:

Isso não quer dizer que, a partir do pensamento sociológico, o conservadorismo aderiu, definitivamente, à racionalidade. Significa, tão somente, que a sociologia (tanto clássica, quanto contemporânea) passou a assumir o papel de importante interlocutor e formulador mais sofisticado dos princípios con-

servadores - da autoridade, da propriedade, da ordem, da hierarquia, das tradições, das corporações, das organizações privadas, do Estado, da divisão do trabalho social (por oposição à categoria crítica da divisão social do trabalho, que supõem a alienação nas sociedades de classes) por exemplo (2024, p. 168).

O conservadorismo demonstra sua face ideológica nas formas de penetrar as consciências, educando o senso comum, tanto na difusão desenfreada dos discursos dominantes através das mídias e comunicação, como também mediante a produção do conhecimento, a ciência e o intelectualismo, que garantem sua legitimidade universal. Com isso, Souza consegue nos apontar diversos teóricos que no decorrer das transformações societárias conseguem fazer prevalecer suas visões conservadoras sobre as realidades postas. Nomes como Russell Kirk, Robert Nisbet, Roger Scruton, Michael Oakeshot, Theodore Dalrymple são alguns dos autores que aparecem na obra para ilustrar um arcabouço teórico sistemático do conservadorismo.

No mais, é sabido que com o avanço do capitalismo, do desenvolvimento das forças produtivas e de todos os imperativos que se colocam como entraves ao processo de acumulação do capital, Souza recorda que a tradição marxista nos proporciona fartas indicações de que “as crises são processos imanentes à dinâmica da acumulação, validando a afirmação sintética segundo a qual o capitalismo é a *própria* crise” (2024, p. 107 - grifos da autora). Portanto, organizar e adequar as formas de vida no seio das crises às extensas e intermináveis situações de barbáries e expropriações, exige uma defesa ideológica convincente e permanente dessa estrutura, e é o que faz o conservadorismo da atualidade.

Evidente, com todo o exposto, que o temor das classes dominantes aos ideais revolucionários e progressistas, desvendam uma ofensiva que nutre a necessidade da construção de uma moralidade conservadora. E nesse sentido

cumprem uma função ideológica central para a reprodução da sociedade de classes capitalistas: desviam o centro do debate sobre os problemas políticos e econômicos do seu verdadeiro centro irradiador - a reprodução e a crise do capital - para suas consequências mais aparentes: os imigrantes, o desemprego, a perda de direitos, o aumento da violência, a falta de políticas, entre outros (Souza, 2024, p. 281).

Em conclusão, a importância de *Tendências ideológicas do Conservadorismo* para os nossos tempos é imensurável e sua capacidade de decifrar esse fenômeno nos leva a crer que o atual cenário político na batalha das ideias tem seus sustentáculos exercendo domínios em amplos espaços. Diante desses processos de desqualificação aos movimentos sociais de esquerda e todo o pensamento crítico, Souza se debruça a pesquisar os escrutínios de todo o pensamento conservador, o que o faz alcançar uma bagagem teórica suficientemente consistente para refletir sobre o que sofremos nos tempos atuais em termos

políticos e econômicos: a ascensão da extrema-direita. Essa guinada à direita - com alcan-ces mundiais -, é esmiuçada pelo autor já nas considerações finais de sua obra, em que ele realiza todo um mapeamento do cenário internacional e no que ele mesmo acredita que contribui para compor o conjunto desses discursos e práticas, as estratégias e as táticas políticas do conservadorismo. Com sua análise, Jameson consegue pensar a profissão do Serviço Social e a questão do sincretismo e do ecletismo para refletirmos criticamente a necessidade de superação do conservadorismo.

Referências

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

SOUZA, J. *Tendências ideológicas do conservadorismo*. - 2.ed-São Paulo: Editora Dialética, 2024.